

A CULTURA ESPORTIVA E AS MULHERES EM SALVADOR ATRAVÉS DA REVISTA SEMANA ESPORTIVA, 1921 - 1924

Henrique Sena dos Santos¹

Resumo: O objetivo deste texto é discutir a presença feminina nos esportes em Salvador nos anos 1920 através da Revista *Semana Esportiva*. A análise das notícias do semanário nos permitiu perceber de que forma ocorreu o envolvimento feminino no universo esportivo, bem como identificar o perfil social das mulheres que vivenciavam aquele. Além disso, buscou-se analisar o discurso da revista acerca da relação entre o esporte e as mulheres identificando em quais espaços e situações, o periódico considerava interessante o envolvimento daquelas no esporte. Ao final, concluímos que se a presença feminina no universo esportivo baiano defendeu alguns interesses masculinos, também foi resultado de lutas e tensões sociais em torno da reivindicação por parte das mulheres por novos espaços de sociabilidade.

Palavras-chave: Esportes; Mulheres; Salvador; Cultura; Revista

Apresentação: o advento dos esportes e a cultura moderna

Apenas no final do século XIX que as práticas esportivas despontaram com maior vigor em Salvador. Através do críquete, o primeiro esporte moderno a ser praticado por estas terras, na década de 1860, Salvador começa a ter o contato com esta prática. O fato de uma cultura esportiva surgir na Bahia de modo mais organizado apenas nos anos 1890 revela a relativa dificuldade das novas práticas culturais chegarem à Bahia.² Outras cidades brasileiras, principalmente o Rio de Janeiro, já tinham um envolvimento mais ativo com os esportes. Na então capital brasileira, por exemplo, data de 1825 a presença dos primeiros esportes naquela cidade. O turfe foi uma das primeiras práticas no cenário carioca que foi acompanhado do remo a partir da segunda metade do século XIX, a segunda atividade esportiva de maior presença até aquele momento.

Além do críquete, o segundo esporte a despontar com maior organização em Salvador fora o remo. Esta atividade ocorrida na península de Itapagipe, principalmente aos domingos e feriados. O Clube Cricket Vitória fora um dos pioneiros nesta

¹ Mestrando em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista da Fapesb. E-mail: henrisena@hotmail.com

² Sobre os primeiros anos das práticas esportivas em Salvador conferir: SANTOS, Henrique Sena dos. LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento; ROCHA JR. Coriolano da. Esporte cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.



modalidade, criando um departamento para o cultivo desta prática. Outro clube especificamente criado para tal divertimento fora o Clube de Regatas Itapagipe em 1902. No mesmo ano, é fundado o Clube de Regatas e Natação São Salvador. A princípio, estes três clubes protagonizaram as principais disputas no remo, principalmente com a organização da Federação de Clubes de Regatas da Bahia, em 1904, sob a liderança do Vitória. Esta organização foi responsável pelos primeiros torneios esportivos realizados na Bahia que se tem notícia.

Já o futebol, principal prática esportiva no começo do século, surgiu na capital baiana por volta de 1901, tendo se estruturado a partir de 1905 com o surgimento das primeiras ligas de futebol. Neste intervalo de tempo, o jogo começou a ser praticado tanto pelas elites quanto pelos populares. Entre as elites os memorialistas costumam afirmar que Zuza Ferreira foi o seu introdutor. Filho de um banqueiro, Zuza, ao retornar de estudos na Inglaterra, trouxe consigo algumas bolas e um manual de regras e difundiu entre seus amigos. A partir de então o futebol passou a ser praticado nos principais bairros da cidade, principalmente no Campo dos Martyres no distrito de Nazareth. Este inclusive foi o palco das primeiras partidas de futebol devido a sua localidade em um bairro de elite.

Já entre os populares, as primeiras evidências do seu envolvimento com a bola datam a partir de 1903 com a prática realizada nas ruas pelos ditos menores, vadios e vagabundos. Gradativamente as camadas populares também praticavam o futebol institucionalizado fundando clubes e ligas mais modestas.³

Com uma regularidade de partidas entre 1901 e 194, em 1905 foi criado o primeiro campeonato de clubes na cidade somente com a participação dos principais clubes elitizados da cidade como São Salvador, Vitória e Internacional. O campeonato durou até 1912 quando devido a sua grande popularização deixou de ser realizado com o abandono dos clubes de elite no futebol institucionalizado da cidade. Entre 1913 e 1920 o futebol soteropolitano teve campeonatos mais populares com clubes menos elitizados além da realização de partidas amistosas por toda a cidade. A partir 1920 os clubes mais abastados retornam ao cenário futebolístico participando de uma nova liga de futebol em conjunto com clubes mais modestos. O retorno das elites ao futebol se dá principalmente pela construção do Campo da Graça o primeiro estádio de futebol moderno na Bahia.

³ Sobre a relação das camadas populares com o futebol em Salvador, ver: SANTOS, Henrique Sena dos. Notas sobre a popularização do futebol em Salvador, 1901 – 1912. In: *Esporte e Sociedade*. ano 5, n.16, Nov.2010/Fev.2011.

Entre as duas primeiras décadas do século XX estas e outras práticas esportivas se desenvolveram na cidade em um contexto de emergência de novas formas de lazer muito revestidas pela imprensa da época pelo ideal de modernidade e civilidade. Inspirados no modelo de sociedade burguês europeu,⁴ os ideais modernos se manifestaram por toda a sociedade soteropolitana, vieram acompanhadas de tentativas de reformas e regeneração tanto das relações sociais como também do aspecto material. Quanto às mudanças físicas, já no período monárquico, Salvador experimentou um processo de reformas urbanas.⁵ Porém, foi no início da década de 1910 que o processo de urbanização de remodelação do espaço público tornou-se mais intenso, especialmente na gestão municipal de José Joaquim Seabra quando uma série de reformas são realizadas.⁶

As reformas empreendidas por J. J. Seabra, além de apresentar um novo aspecto físico, contribuiu com uma nova dinâmica nas relações sociais e no cotidiano dos soteropolitanos. Ao promover mudanças nos espaços públicos, ocorreram também mudanças no que diz respeito aos controles e usos sociais destes espaços. As vielas insalubres onde viviam as classes subalternas como mendigos, vadios, prostitutas, pequenos comerciantes deram lugar as grandes avenidas e praças, nas quais as famílias burguesas podem passear. Os novos costumes das elites e da recém-burguesia soteropolitana como os passeios, o lazer, a vida noturna e as festas exigiam um novo espaço público adequado às práticas modernas.

Se o advento de uma cultura moderna em paralelo a introdução de novas formas de sociabilidades, como os esportes, alterou as configurações sócio espaciais da cidade o mesmo pode ser dito no que tange as relações de gênero. O desenvolvimento de um universo esportivo através de clubes e campeonatos e atividades atléticas, dentro de uma atmosfera de efervescência de novas sociabilidades e sensibilidades também contribuiu para a alteração da dinâmica social entre homens e mulheres. Com os esportes, presença feminina nos espaços públicos intensificou-se gradativamente. Não que estas estivessem ausentes da esfera pública. Principalmente as mulheres subalternizadas sempre

⁴ Uma série de sociabilidades que influenciaram diversas práticas culturais em Salvador foram analisadas em: WEBER, Eugene. *França fin-de-siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

⁵ Sobre a urbanização na Bahia ver: FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. "Idealizações Urbanas e a Construção da Salvador Moderna". In FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. *Cidade & História*. Salvador, UFBA/Fac. de Arquitetura, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992, pp. 53-68.

⁶ As reformas de J. J. Seabra e a remodelação do espaço urbano podem ser analisadas com mais propriedade em: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1996.

ocuparam os espaços públicos, sobrevivendo e resistindo com formas de solidariedade e sociabilidades próprias.⁷

Contudo as mulheres de elite tinham no espaço público uma participação minimizada, sobretudo restrita. Neste sentido, a presença do futebol e outros esportes na cidade favoreceram para que as mulheres de elite vivenciassem novos espaços antes relegados ao sexo masculino. As mulheres dos setores sociais elevados e medianos “acompanhavam a transformação de cidade que aos poucos se modernizava, procurando seguir desenvolvimentos similares ocorridos em outras capitais do país.”⁸

Além disso, os esportes para as mulheres estavam em um contexto que presença e o papel feminino na sociedade era muito mais perceptível. A escola tornou-se acessível às mulheres o que representou um avanço, bem como a prática da filantropia que contribuiu significativamente para que os papéis femininos na sociedade não se limitassem ao lar.⁹ Por fim, a moda e os passeios representavam uma tentativa de rompimento com ideais patriarcais. Através dessas atividades as mulheres de elite experimentavam novas relações de sociabilidade, além de entrarem em contato com novas dinâmicas e vivências sociais com outros grupos sociais que o ambiente do lar não podia proporcionar. Obviamente, vale lembrar que esta mudança na condição feminina das classes altas não se deu de forma homogênea e facilitada. Salvador, sobretudo as elites aristocráticas buscavam manter certos valores e tradições apreendidas.

Enfim, tendo este cenário em mente a proposta deste texto é analisar a relação entre o gênero feminino e o esporte em Salvador na década de 1920, especificamente através da Revista *Semana Esportiva*, principal periódico da década dedicado à temática. Embora as práticas esportivas em Salvador datem do final do século XIX, é somente nos anos 1920 que elas parecem adquirir uma centralidade na sociedade soteropolitana, sobretudo pela construção do Campo da Graça, principal praça esportiva da cidade até 1950 e pela emergência e consolidação um discurso eugênico de fortalecimento do corpo no qual o esporte era um elemento decisivo neste processo.

⁷ Para citar apenas dois exemplos da melhor cepa destaco: FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Salvador das Mulheres: condição feminina e cotidiano popular na belle époque imperfeita*. Salvador, 1994. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1994; SOARES, Cecília Conceição Moreira. *A mulher negra na Bahia no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1994.

⁸ BARREIROS, Márcia da Silva. *Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930*, Salvador, 1997. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1997, p 135. (grifo meu)

⁹ TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 13, 1996.

A revista *Semana Esportiva*, os esportes e as mulheres

Ainda nos primeiros anos do século XX foi possível identificar o começo do envolvimento das mulheres nos esportes. Nas primeiras crônicas de partidas de futebol o seu envolvimento era intenso. Algumas notas jornalísticas afirmavam como a presença de senhorinhas embelezava as partidas. Em muitas notas de jornais é possível verificar o entusiasmo da imprensa com a quantidade de jovens que abrilhantavam as partidas com seus vestidos. A alta frequência destas informações nos jornais revela como as mulheres de elite buscavam se inserir no espaço público acompanhando os novos modelos de comportamento. A quantidade significativa de mulheres nos espaços esportivos aponta para como desde as primeiras evidências do esporte em Salvador a presença feminina foi marcante e se apresentando de modo vigoroso.

Todavia, somente na década de 1920 é que a relação entre esporte e mulher se intensifica uma vez que aquelas gradativamente passavam se envolver com o esporte não somente enquanto expectadoras, mas, sobretudo, como praticantes.

Os principais motivos que ocasionaram esta transformação podem ser encontrados no contexto da própria década. Nela as discussões referentes à modernidade ganharam um novo fôlego. Se nas duas primeiras décadas do século XX a relação entre esporte e modernidade se apresentava mais do ponto de vista das sociabilidades, na década de 1920 esta relação também se torna perceptível no plano dos discursos. Ou seja, neste momento era necessário ratificar o discurso eugênico do esporte como regenerador da sociedade e da raça. A década de 1920 enriqueceu as noções de moderno e de esporte. Isto é, os jornais e outros veículos midiáticos sentiram a necessidade de discursar sobre as atividades esportivas na tentativa de ressaltar a sua importância para o desenvolvimento social/racial como um todo.¹⁰

Se neste momento o esporte passa a ser entendido enquanto um discurso sistemático e direcionado para o avanço da sociedade, o fato da mulher ter presença apenas enquanto coadjuvante, ou seja, espectadora precisava ser revisto. Neste período o discurso civilizador do esporte deveria necessariamente contemplar as mulheres através de novas formas. Não basta uma participação do chamado enquanto frequentadoras de jogos e espetáculos, idealizadora de carnavais e festas de fim de ano

¹⁰ Para uma melhor compreensão da modernidade enquanto um discurso ver: BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986. Para uma análise sobre a modernidade na década de 1920 ver SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

nos clubes esportivos. Agora elas deveriam se inserir nos esportes enquanto praticantes. Afinal, o discurso do esporte estava intimamente ligado a necessidade de desenvolvimento físico do corpo que, de certa forma, era válido tanto para ambos os sexos.¹¹

Caberia a imprensa, principalmente a Revista *Semana Esportiva* assegurar a missão civilizadora do esporte. Neste bojo, o semanário atuou como o principal defensor da necessidade das atividades esportivas para homens e mulheres. O periódico era ricamente ilustrado, contendo entrevistas e editoriais elaborados por jornalistas e doutores que argumentavam de diferentes formas sobre a importância do futebol, tênis, remo e outras atividades para ambos os sexos.

Ao folhear a Revista, de início é possível identificar uma quantidade significativa de crônicas, contos, recomendações e editoriais discorrendo sobre a necessidade das mulheres baianas mudarem os seus hábitos e aderirem à cultura esportiva. Grande parte do cotidiano das mulheres de elite nos finais do século XIX se restringia ao espaço da casa. Quando extrapolado era para servir obrigações religiosas como o espaço da clausura. As aparições femininas nas ruas eram rigorosamente controladas. É contra este passado recente e ainda muito presente que as notícias, crônicas e textos de situações fictícias da *Semana Esportiva* lutam na tentativa de inserir seus leitores e principalmente leitoras no momento de novas sociabilidades e sensibilidades oportunizadas pelo esporte:

Martha

Por que seria que ela, a doce Martha, gostava tanto o Botafogo?
Não perdia um jogo, um treino, não perdia... Martha era tão linda!
Eu que sempre a conhecera tão tímida tão indiferente ao *foot-ball*, tão caseira... Martha que raramente saía de casa; Martha que aos Domingos só ia a missa adorar o santo de sua devoção – São José... Como Martha estava mudada!
O que faria se operar nela a modificação dos seus hábitos, a mudança do seu temperamento, a transformação da sua índole e a reforma dos seus hábitos caseiros?
Teria Martha afinal compreendida que era mulher e que necessitava aparecer, se mostrar!
Ter-se-ia, Martha, só então, se mirado no espelho e este revelado segredos que desconhecia? Ou alguém se lhe havia despertado o gosto pela vida?
Essas perguntas fazia eu a mim mesmo.
Mas porque seria escolhida para ponto de exibição da sua beleza ou distração de seu espírito o *foot-ball* e logo o *foot-ball* praticado no campo do Botafogo?
Hum! Havia mistério nisso... e mistério do coração.
Comecei a observar. Acompanhava seus olhares, para conhecer as predileções de sua alma.
Comecei a observar... Difícil me não foi descobrir a causa da sua assiduidade aquele campo. Os olhos de Martha não se despregavam de um jovem jogador do Alvi-negro... Um sorriso delicioso acompanhava o jogador eleito do seu coração.
Certa vez o Botafogo realizava um importantíssimo match, quase decisiva de campeonato. No final quase do segundo tempo, o *score* era de um a um, a falange gloriosa carregava impetuosa

¹¹ SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. S. Paulo: SENAC, 1997.

sobre as barras adversárias. A assistência enorme delirava, não despregando os olhos daquele lado. Só Martha olhava para o outro lado... para o lado que não havia jogo... para o lado onde se encontrava o seu amor.¹²

Este é um exemplo típico que é recorrente em algumas edições. Geralmente começa com uma mulher de hábitos reclusos, que ia apenas a Igreja e que ao ter contato com esporte gradativamente muda seus costumes. Não raramente a vivência do ambiente esportivo vem acompanhada de um interesse por um amor como é o caso da jovem Martha. Neste caso, a mudança do estilo de vida da senhorinha foi uma tentativa de se aproximar de Dinorah, o jogador preterido. De qualquer modo, a crônica serve para ilustrar a constante presença da relação entre o esporte e as relações afetivas. Com o advento da cultura moderna ocorreu, guardada as devidas proporções, uma flexibilização das relações afetivas. Eram nas arquibancadas, acompanhado os jogos do campeonato ou nos barcos que serviam de camarotes para os duelos de remo que surgiam os *flirts* e oportunidades de namoro.

Existiam formas mais diretas de inculcar nas mulheres a necessidade da mudança dos costumes e como esta seria proporcionada pelo esporte. Foram encontrados alguns editoriais versando de modo explícito sobre o ideal que mulheres deveriam seguir:

A mulher e os esportes

O título é tão sugestivo que, nem por muito usado, valerá a pena mudá-lo. Mas, ainda mais interessante é o assunto que se lhe advinha ser sintetizado.

Já ninguém ignora que a hora atual em todo o mundo é de renovação. Como que se levanta por toda a terra, dos isolamentos mais ignorados aos centros mais palpitantes de vida, um grito de guerra ao passado. Na arte, na literatura, nos costumes, em todo e por tudo, procura-se romper os laços que até aqui nos têm prendido ao passado. Mas, onde esse movimento se nota mais intenso é na literatura e no feminismo. Ali os homens se guerreiam com o agora mesmo está acontecendo no Brasil, de um lado um grupo de conservadores austeros que se bate arduamente pelo respeito à antiguidade, a conservação em moldura intangível de quanto nos legaram os clássicos; de outro a grita dos modernos por que se abata o edifício antigo, erigindo-se-lhe em substituição um novo, de moldes impressionantes. (...)

Quanto ao feminismo, infensos à sua vitória ou seja à sua situação em pleno igual ao sexo masculino, aplaudimos, entretanto, e sinceramente esse trabalho que vem sendo inteligentemente desenvolvido por uma tantas justíssimas conquistas.

Em várias esferas, graças a esse empenho brilhantemente aplicado a sua vitória se vai definindo animadoramente.

No *sport* é o que diz com o nosso programa, vai a mulher educando o físico, aperfeiçoando-o em provas de exercícios que dizem com a sua condição, muitas vezes até triunfando sobre fortes antagonistas do sexo contrário.

Agora mesmo jornais europeus anunciam magníficos triunfos de *tenniswomen*.

No Brasil, no sul há até *teams* femininos para o *foot-ball*, como o tem o Vasco da Gama.

Aqui na Bahia já é um gosto o comparecer-se às tardes de domingo, aos *courts* do Bahiano. Estrangeiras em grande número praticam o *tennis*, consumindo a tarde nesse exercício salutar.

É mister que as baianas também compreendam a necessidade de aderir eficientemente a esse movimento.

Nem se compreenderá que, acompanhando a evolução mundial, a mulher baiana faça exceção justamente no ponto que mais está interessado e atraindo a mulher no mundo inteiro civilizado.¹³

¹² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 44, 4 de fevereiro de 1922.

¹³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 166, 6 de setembro de 1924.

Neste editorial, o seu autor busca convencer as suas leitoras sobre a importância da prática do esporte principalmente pelo fato de nos grandes centros civilizados o envolvimento feminino em alguma atividade esportiva já ser notável. Uma informação que o articulista deixa transparecer é que a maioria das mulheres que praticam algum esporte na Bahia, sobretudo o tênis, é estrangeira. Este é mais um argumento para as baianas se inserirem na prática de alguma atividade física, uma vez que os hábitos de estrangeiras, reconhecidamente de centros mais evoluídos, deveriam ser seguidos.

Por outro lado o fato do texto citar apenas as estrangeiras no cultivo do tênis indica, no mínimo, uma não adesão satisfatória na prática daquela e outra atividade por parte das *mademoiselles* da cidade da Bahia. Em muitas outras notícias a *Semana Esportiva* parece revelar que o envolvimento do “belo sexo” no cenário esportivo baiano ocorria muito mais enquanto espectadoras dos torneios e campeonatos do que praticantes e idealizadoras de suas próprias competições. Esta situação, inclusive, era motivo de insatisfação por parte de alguns colunistas e articulistas do periódico. Afinal, o ideal almejado por este não estava sendo cumprido integralmente. O sexo que não estava correspondendo na empreitada do progresso era justamente aquele que mais precisaria dos benefícios do esporte. Não custa lembrar que, de acordo com os discursos médicos da época, a mulher deveria preparar o seu corpo adequadamente para gerar filhos fortes: mães fortes fazem uma raça forte era o lema do momento.¹⁴ Um artigo da revista parece resumir enfaticamente a insatisfação de não ver as mulheres cultivando um esporte como o tênis:

O feminismo e o tênis entre nós

A memória faltava assunto desportivo para roubar-nos algum tempo dos nossos leitores e, como julgávamos oportuno tratar, de relance, sobre o cultivo do tênis entre nós, não oscilamos em fazer uma ligeira crítica relativa a esse esporte e o feminismo.

De há muito descansava sobre a nossa banca de leitura, um vespertino baiano, que inseriu se sua primeira página, a fotografia da campeã mundial de tênis. E esse jornal que também publica o telegrama procedente de Nice, noticiando a conquista de Mlle. Suzanne Lengle e a derrota da senhora Mallory, pelo “score” de 6 por 0, oferece margem para um comentário, tendo em vista o descaso das brasileiras, no que concerne aos esportes mais apropriados ao sexo.

Vulgarmente as nossas gentis patricias se deixam levar muito pelas “torcidas” de uns e de outros clubes, esquecidas talvez, do quanto lhes é apreciado o seu desenvolvimento no tênis.

Estamos muito longe de afirmar que o nosso mundo feminino não seja admirador, fervoroso até, dos clubes de *foot-ball* e dos de remo. E a prova temos na intensidade com que se revela, definido e cheio de egoísmo, “torcendo” entusiasticamente pela vitória destas ou daquelas cores, que porventura lhes é simpáticas. Entretanto parece fugir a responsabilidade de ser visto num “rink”, desenvolvendo seu físico e angariando veneradores, com muito maior força, que ele, o feminismo, possa dar aos “*foot-ballers*” que nos *stadiums*, ufanados com os “hurras” de vozes frágeis, chutam a bola, embriagados na convicção de que contentam os reclamos da “torcida”.

¹⁴ Para uma análise da relação entre o corpo feminino e a medicina em Salvador sugiro: LUZ, Adriana de Carvalho. *Mulheres e doutores. Discurso sobre o corpo feminino. Salvador, 1890 a 1930*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, 1996.

As formosas e promissoras jovens brasileiras, devem, pois, ao nosso modo de ver, lutar, com a mais absoluta das precisões, para que, dentro em breve, rivalizem, em simpatias, com o cultivo do ténis, os demais esportes que já são comuns no Brasil. Os nossos votos e os nossos esforços não se farão recusar, cuja eficácia consiste nos atrativos que o jogo de ténis oferece, assim como, nos encantos que vulgarmente residem no belo sexto, tudo portanto lhe sendo útil.

Estamos certo que, futuramente as baianas fundarão um clube de ténis e a sua prioridade nesse particular servirá de exemplo as suas rivais dos outros Estados do país, continuando a Bahia com a grande ventura de ser mãe, mais uma vez, das coisas auspiciosas e fecundas para a nossa raça....¹⁵

Observem que o articulista é taxativo ao condenar o fato das mulheres baianas e até brasileiras apenas torcerem por clubes e times ao invés de praticar o ténis ou outra atividade. Mais uma vez a referência a desportistas estrangeiras, neste caso mulheres inglesas, ratifica a necessidade em seguir os passos femininos europeus.

Se o relativo insucesso da prática dos esportes por parte das mulheres era motivo de insatisfação da *Semana Esportiva* a presença das baianas enquanto torcedoras e frequentadoras dos clubes não deixava de ser louvada. Vale dizer que periódico nunca deixou de perceber e elogiar este movimento. A sua luta era para que a inserção feminina nos esportes não ficasse apenas nas arquibancadas e sedes sociais dos clubes esportivos, mas que entrasse literalmente em campo. Encontramos muitas notícias elogiando o quanto a presença de senhoras e senhorinhas em dias de jogos e regatas abrilhantava os espetáculos. Dentre as notas, uma em especial destaca-se:

O prestígio do Foot-ball – Onde ele reside e como é mister argumentá-lo

(...) O que quer que esteja e em qualquer companhia, não consentirei jamais que se fale na vitória do *Foot-ball* na Bahia, sem proclamar-se uma das suas causas, senão a sua causa fundamental: o prestígio feminino.

As minhas gentis patrícias podem descansar na certeza de que em minha presença, jamais as esquecerão como elemento prodigioso para a conquista deste triunfo. Sempre e em qualquer parte, quem quiser saber do grau de adiantamento desse ou de outro *sport*, compareça ao local onde se o pratica e, antes de reparar nos que se defrontam, olhe bem a assistência, fixando em número e representação a presença feminina.

E quando notar que ela começa a escassear, não haja dúvida: está-se em decadência.

Que digam de verdade da influência da mulher no *sport*, os que frequentam as arquibancadas da Graça, notadamente nos dias de grandes jogos, e que se devem sentir felizes na companhia daquelas inúmeras e tentadoras figuras de beleza e graça.

O *foot-ball* na Bahia está em pleno apogeu, podemos concluir de cada um desses encontros.

Mas, como os nossos clubes vão progredindo cada vez mais, concorrendo com as suas sedes para o desenvolvimento social da cidade, eu penso que se pode e deve trabalhar por que esse movimento feminino aumente..¹⁶

Esta nota chega vangloriar tanto a presença feminina em dias de jogos ao ponto de condicionar o sucesso do esporte na Bahia ao envolvimento das patrícias. A comparação do esporte com o cinema e a superação daquele em relação a este divertimento parece revelar o status do esporte que estava intrinsecamente associado ao prestígio do público

¹⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 110, 12 de maio de 1923.

¹⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 174, 1 de novembro de 1924.

feminino. Ainda a nota deixa transparecer que, embora o movimento das mulheres nos esportes seja louvável, pode-se e deve-se trabalhar para que aquele aumente. Provavelmente um apelo para que as senhorinhas praticassem alguma atividade.

Recomendações e contraindicações: (re)hierarquias entre os sexos na *Semana Esportiva*

Embora a *Semana Esportiva* incentivasse e elogiasse a inserção feminina no movimento esportivo ela também procurara impor limites impostos no que diz respeito a participação das mulheres na cultura esportiva mais especificamente na prática de algumas modalidades, que para o semanário não deveria se aplicar a todos os gêneros atléticos. Neste sentido encontramos na revista uma série de textos, aqui entendidos como recomendações e contraindicações, que visam indicar para a mulher quais os esportes mais apropriados para a prática, quais os inapropriados e as suas respectivas razões. Até mesmo o modo como as baianas deveriam se comportar enquanto torcedoras era comentado.

Seguramente os motivos da existência destes textos, sobretudo os que buscavam regular a prática de alguns esportes, são encontrados na política eugênica de início do século XX. Retomando o argumento já trabalho anteriormente, uma das principais justificativas para o envolvimento feminino nos esporte era a necessidade de aprimorar as jovens baianas visando um desenvolvimento saudável do corpo o que consequentemente contribuiria para o progresso da raça e da sociedade como um todo. De acordo com Silvana Goellner:

Baseados na teorização darwinista de que a atividade física atuava no fortalecimento orgânico e, portanto, no aprimoramento da espécie, muitos dos discursos e práticas que circularam no Brasil do início do século XX mencionavam que o refinamento da raça estava diretamente relacionado com o fortalecimento da população. Nesse sentido, não pouparam esforços para criar condições de educar, fortalecer e aprimorar o corpo feminino branco, observado como o principal instrumento para atingir uma raça branca, representada como superior e perfeita.¹⁷

Todavia, não seria qualquer esporte quer poderia cumprir o papel de aprimorar o físico feminino. Para os higienistas e eugenistas, as mulheres deveriam praticar o esporte com o objetivo de aperfeiçoar o corpo para que este fosse apto para a procriação de filhos saudáveis e fortes. Neste sentido, nem todos os esportes cumpririam esta função. Pelo contrário, atividades como o boxe, futebol entre outras poderiam até prejudicar a função nobre e primordial do chamado “sexo frágil”. Na *Semana Esportiva*

¹⁷ GOELLNER, Silvana Vilodre. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. In: *Recorde: Revista de História do Esporte* Rio de Janeiro, 1 (1), 2008, p. 4.

um texto em especial de autoria desconhecida chega a condenar veementemente alguns médicos e educadores que recomendavam de um modo geral qualquer modalidade esportiva para as mulheres:

Comprometerão os desportos a beleza e a graça feminina?

(...) Pergunto eu agora, onde e por quem, com autoridade, se disse propaganda desportiva em todos os desportos e exercícios ao ar livre contribuía para desenvolver a beleza do corpo feminino?

Nunca. E a razão do que assim respondo com segurança, é simples: Já vai o tempo em que havia absolutismo nas prescrições, o que nem mesmo na medicina de adota.

Como se poderia prescrever como favorável ao desenvolvimento da beleza do corpo feminino o desporto em geral.

Isso seria a negação de tudo, seria a ciência mostrar-se ignorante no que venha a ser beleza.

Se para os homens, hoje entre nós, reconhecidamente atrasados ainda nesse assunto, eles já se submetem a exame médico, para que lhes sejam aconselhados os desportos adequados à sua constituição física, para as mulheres, para o fim de fazê-las de corpo belo e gracioso, só mesmo por absurdo aconselhar-se-iam os desportos em geral.

Sempre queria ver o tipo de beleza de uma jogadora de *foot-ball*, depois de uns anos de lutas e a cara dos cientistas que lhe tivesse aconselhado aquele excelente desporto para a obtenção das formas que imortalizaram Afrodite...

Não faltariam, depois, ao ver esse produto de tal propaganda “autorizada” passear às avenidas ou “*boulevards*”, vozes que gritassem estridentemente: o desporto está tirando a graça, o encanto e até a “*coquetterie*” da mulher...¹⁸

Observem que na nota, uma das principais preocupações do autor relaciona-se ao fato das mulheres, praticando qualquer esporte, poderiam perder o encanto e graça, qualidades admiráveis e que marcam o sexo naquele momento. Após esta crítica o articulista encerra indicando as senhorinhas os esportes mais adequados para o sexo:

(...) direi apenas, que apesar dos artifícios, atavios, pseudo liberdade e entraves civilizadores, o homem, continua hoje, como em todos os tempos, a ser um mero instrumento de que usa a espécie humana para consecução de seus fins.

Nestas condições, o tipo de beleza feminina que nos convém é o que já brilhantemente defenderam os ilustres escritores que me precederam, o tipo mais apto a procriação, à função mais sublime da mulher, que tem feito a grandeza de povos os mais civilizados (...)

Se de fato nos recordamos que as mulheres fortes que fazem uma raça forte; com que a fraqueza das mães começa a dos homens; que não é possível nenhum progresso social durável se a mulher não intervém para beneficiar-se dele e ajuda-lo, mal podemos atinar com o desconhecer-se por momento o valor biológico dos geradores necessários e suficientes para obter um filho são, viável e suscetível de se beneficiar ao máximo dos efeitos da educação física.

Para a mulher, pois, para a sua beleza e para a conservação de sua graça muito contribuem a ginástica sueca, as danças clássicas e a natação.

Principalmente este último que é o mais adequado ao organismo feminino. É o exercício próprio para a mulher, naturalmente indicado para ela, pois além de ser um modificador do medo, emotividade peculiar ao sexo, da-lhe o domínio de si mesmo harmonizando-lhe as formas.

Ao mar, pois senhorinhas brasileiras! Nadais, lutais¹⁹

Neste trecho, a defesa por atividades que favoreçam o desenvolvimento do aparelho reprodutor feminino é tão gritante que o articulista parece querer subtrair o corpo das mulheres delas mesmas. Ou seja, a prática do esporte pelas jovens deve

¹⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

¹⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

beneficiar primordialmente a sociedade, (leia-se os homens) pouco importando a preferência e o gosto delas por determinados esportes. Os corpos das moças devem se submeter aos interesses da sociedade e não das próprias.

Ainda analisando a fonte, se o corpo feminino deve estar a serviço da sociedade não estranho é o articulista recomendar atividades que conservem a beleza e graça das jovens atributos naturalizados ao corpo feminino. Este é o caso da natação, principal atividade indicada que favorece a mulher na superação do medo da água, qualidade natural do gênero, segundo os estudiosos do período.²⁰

Não raramente a *Semana Esportiva* publicava notícias, textos e entrevistas envolvendo pessoas, situações e eventos de outros lugares do Brasil e até do mundo. O periódico também costumava publicar textos originalmente de outras revistas brasileiras, o que parece revelar o seu interesse em estar atenta com o que acontecia no universo esportivo a nível nacional e mundial. A veiculação de notícias de origem não baiana parecia ter como propósito informar ao leitor local as tendências, modas e reflexões sobre o esporte fora da Bahia. No que tange as notícias envolvendo a relação entre esporte e mulher o periódico também apresentou textos sobre este assunto que eram produzidos fora do âmbito local/regional.

Aqui destacamos uma entrevista, a nível mundial concedida por um jogador, Andy Ducat, que na época era meio-campista do Aston Villa, clube da cidade de Birmingham.²¹ Nela, o jogador defende que o futebol seria impróprio para as mulheres:

Porque a mulher não deve praticar o *foot-ball*?

Andy Ducat, afamado jogador internacional, pertencente ao Aston Villa, campeão da Inglaterra em 1920, interpelado por um cronista – Porque a mulher não deve praticar o *foot-ball*? – Disse: “As proezas atléticas da mulher moderna produzem, em mim, mais imensa admiração.

Sua destreza para o tênis, natação, golfe, hóquei e críquete, faz-me pensar que não está longa a época em que o chamado sexo forte terá que reunir esforços extraordinários para não se deixar vencer pela mais bela ‘metade’ do gênero humano.

Quanto ao *foot-ball*, sou de opinião que a mulher deva deixá-lo à margem.

A constituição física da mulher, o seu temperamento, não lhe permitem praticar esse *sport*, não estão de acordo com a natureza desse jogo, que não lhe beneficia o físico.

Penso que o *foot-ball* é demasiado rade (sic) para a mulher.

Em Inglaterra cogita-se da criação, em grande número, de clubes de *foot-ball* para senhoras.

Isso produzirá grande emulação entre as diversas sociedades, e dará lugar, certamente, a sérios incidentes. O estado de ânimo atual, assim como a idiossincrasia própria do sexo, são muito propícios à produção de lamentáveis colisões.

²⁰ DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. In: *Movimento*. Porto Alegre, 10 (2), 2004.

²¹ Andy Ducat nasceu em 1886 e fora um dos principais jogadores do Aston Villa, campeão do campeonato Inglês em 1920. Jogador de críquete e futebol, Ducat jogou pelos clubes Arsenal e Fulham. Faleceu 1942 de ataque cardíaco no intervalo de uma partida de críquete. Sobre o jogador ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Andy_Ducat acessado: 15 de Janeiro de 2010.

Acredito, com essas palavras, chamar sobre mim antipatia de muitas lindas aficionadas do varonil desporto, antes de tudo devo ser sincero nas minhas opiniões: ‘O *football* não se inventou para a mulher.’”²²

Neste trecho da entrevista novamente, assim como na outra fonte, observamos que Ducat, ao afirmar que a inaptidão feminina para o futebol é por conta da constituição física e temperamento, naturaliza as qualidades físicas e morais das mulheres. Quando o jogador do Aston Villa diz que tal atividade não beneficia o físico das praticantes a ideia de que o melhor esporte para as mulheres é aquele que desenvolve a reprodução, parece ser retomada. Enfim, ao que parece o jogador concorda que as práticas recomendáveis para as jovens são tênis, natação, golfe, hóquei e críquete. O motivo já se sabe.

Depois de desaconselhar o futebol para as moças, na parte final da entrevista o jogador argumenta porque elas não podem praticá-lo e responde o que aconteceria caso continuassem a jogar o esporte bretão:

(...) a mulher jamais poderá se empenhar em lutas fortes, que, de ordinário são as que entusiasma o público, por muito que se entregue a um rigoroso e prolongado treinamento, porque sua natureza não se adapta ao grande esforço muscular que este jogo requer.

Muitos outros motivos posso alegar para corroborar a minha opinião, por exemplo: a mulher não pode deter a pelota com o peito, é sabido que o bom jogador deve deter e impulsionar a bola do mesmo modo por que o faz com os pés. Ademias, o pé da mulher, em geral, é demasiado pequeno e os músculos de suas pernas muito débeis para chutar uma pelota de tamanho ordinário, com resultado satisfatório.

Dir-se-á que com exercícios a mulher criará músculos e os pés se tornarão maiores.

Nestas condições, responderei que estamos fora do caso: uma mulher assim, transformada, deixará de ser mulher para ser... mulher-homem!”²³

Notem que o discurso de Ducat é profundamente marcado pelo pensamento evolucionista uma vez que para o jogador a natureza do corpo feminino não foi feita para um tipo de esforço muscular o que futebol requer. Por fim, a naturalização do corpo feminino é mais uma vez discutida. Ora a mulher era reconhecida enquanto tal por te formas suaves e delicadas. Para Ducat, a moça que se exercita seria mulher-homem por não se encontrar em seu estado natural de suavidade e beleza.

Concluindo

A partir da leitura da *Semana Esportiva* acreditamos que seja possível elaborar algumas proposições a respeito da presença feminina nos esportes em Salvador: na primeira diria que a inserção das mulheres de elite no universo esportivo soteropolitano revelou como estas não ficaram a margem das novas sociabilidades. Pelo contrário,

²² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 74, 2 de setembro de 1922.

²³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 74, 2 de setembro de 1922.

participando da vida dos clubes esportivos de Salvador, frequentando partidas de futebol e regatas de remo e até praticando algumas atividades como o tênis e natação as senhorinhas a mademoiselles foram participantes e entusiastas ativas da cultura esportiva reordenando as relações de gênero na cidade. Neste sentido, percebemos como o esporte contribuiu para as jovens endinheiradas tomassem a cena pública derrubando algumas barreiras que as restringiam da esfera pública.

Por outro lado, na segunda proposição afirmaria que, embora o esporte tenha contribuído para a supressão de algumas limitações, este acabou sendo utilizado para a manutenção ou redefinição de hierarquias e desigualdades entre os sexos. As concepções evolucionistas e eugênicas marcaram significativamente a cultura esportiva fomentando desigualdades de gênero. A recomendação das mulheres praticarem apenas os esportes que desenvolvessem seu aparelho reprodutor ou a ideia de que esportes como o futebol ou boxe poderiam macular a natureza da delicadeza e graça femininas ilustram bem a tentativa de manter a dominação sobre a mulher e principalmente sobre o seu corpo.

Referências

BARREIROS, Márcia da Silva. *Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930*, Salvador, 1997. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1997.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. In: *Movimento*. Porto Alegre, 10 (2), 2004.

FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. "Idealizações Urbanas e a Construção da Salvador Moderna". In FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. *Cidade & História*. Salvador, UFBA/Fac. de Arquitetura, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Salvador das Mulheres: condição feminina e cotidiano popular na belle époque imperfeita*. Salvador, 1994. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1994.

GOELLNER, Silvana Vilodre. "As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte": esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. In: *Recorde: Revista de História do Esporte* Rio de Janeiro, 1 (1), 2008.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1996.

LUZ, Adriana de Carvalho. *Mulheres e doutores. Discurso sobre o corpo feminino. Salvador, 1890 a 1930*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, 1996.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade "Sportiva"*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

SANTOS, Henrique Sena dos. LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento; ROCHA JR. Coriolano. Esporte cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

SCHPUN, Mônica Raisal. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. S. Paulo: SENAC, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SANTOS, Henrique Sena dos. Notas sobre a popularização do futebol em Salvador, 1901 – 1912. In: *Esporte e Sociedade*. ano 5, n.16, Nov.2010/Fev.2011.

SOARES, Cecília Conceição Moreira. *A mulher negra na Bahia no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1994.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 13, 1996.

WEBER, Eugene. *França fin-de-siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.